



José Cardoso Pires

Lisboa confidencial

O repórter transcontinental informa que logo ao pôr pé em terra encontrou uma população muito activa a dialogar por telemóvel. Outra coisa que Columbus observou nos nossos indígenas pós-modernos foi o seu deslumbramento pela arquitectura faraónica (e cita a Caixa Geral dos Depósitos), pelas gaiolas neo-árabes (Banco Nacional Ultramarino) e pelo "chantilly" monumental (edifício Marconi). Veio à procura do chamado "pós-moderno", o chamado "pós-moderno" é que lhe interessava, nada mais.

tratavam dos saldos bancários por Telemóvel Todo-Bom e que no interior da estátua do Santo Professor Sousa Martins, ao Campo Santana, havia um aparelho desses orientado para os diálogos de além-túmulo. Registei e passei adiante. Lisboa era realmente uma cidade confidencial.)

Adiante, outra coisa que Columbus observou nos nossos indígenas pós-modernos foi o seu deslumbramento pela arquitectura faraónica (e cita a Caixa Geral dos Depósitos), pelas gaiolas neo-árabes (Banco Nacional Ultramarino) e pelo "chantilly" monumental (edifício Marconi), este último assim designado por associação com a imagem de bolo de noiva que os lusitanos de má fé atribuem à Torre de Belém. Na opinião do jornalista do "Texas Times", em matéria de monumentos os lisboetas sem sensibilidade só admiram o Mosteiro dos Jerónimos, a Praça do Comércio, o Aqueduto das Águas Livres e pouco mais. Não gostam da Praça da Figueira porque tem um cavalo patriótico que

"LISBOA, CAPITAL europeia com vista para todos os oceanos históricos, é uma cidade confidencialíssima", escreveu o jornalista Columbus do influente "Texas Times" na sua edição dedicada à Ibéria Pós-Moderna.

Numa "carta de descoberta", chamemos-lhe assim, o repórter transcontinental informa que logo ao pôr pé em terra encontrou uma população muito activa a dialogar por telemóvel. "Facto que, devo confessar, me impressionou muito favoravelmente", comenta ele. Na verdade, Avenida abaixo, Avenida acima, Rossio e Grandes Squares, os lisboetas passeavam-se de aparelho no ouvido e olhos na eternidade como se comunicassem com o Futuro para que toda a gente visse. No restaurante punham o inseparável transmissor em cima da mesa entre o bife e a percentagem do IVA, e por toda a parte, mesmo no mais trôpego chaveco, só se viam cavalheiros de mão no volante e ouvido no telemóvel para assim atravessarem o mundo à velocidade do som.

Columbus descobriu depois que muitos dos cidadãos armados de transmissor não tinham telefone em casa e por isso não podiam comunicar com a família, enquanto outros eram de tal modo expansivos que se faziam acompanhar de dois ou três destes telefones celulares para poderem responder em simultâneo às múltiplas solicitações da sociedade pós-moderna. Recentemente (é ainda Columbus que informa) investigadores lusitanos do espiritismo científico revelaram ter alcançado surpreendentes progressos na comunicação transcendental através do telemóvel de antena hiperbólica. (Quando falei nisto ao sargento Moreirinhas, meu vizinho do rés-do-chão, vi-lhe perpassar pelo bigode um sorriso de superioridade. Para nós, e só para nós, declarou-me que há muito que os bispos do Reino de Deus

não cabe em nenhum país, dizem eles. Nem do Padrão dos Descobrimentos, que, traçado em estalinismo teutónico, nunca mais cairá ao Tejo. Da Sé acham que já viram muitas mais e melhores por essa península fora, e à Casa dos Bicos, enfim, encolhem os ombros porque foi copiada sem má intenção e não chateia ninguém.

Mas Columbus veio à procura do chamado "pós-moderno", o chamado "pós-moderno" é que lhe interessava, nada mais. Foi encontrá-lo disfarçado em catedrais bancárias, num ou noutra hotel ou edifício público e até em gigantescos blocos residenciais muito gongóricos por fora e funcionalíssimos por dentro. Iluminação gradual, circuitos de televisão interna, banheiro com massagens computadorizadas e chuveiro relaxante, música ou conversação ambiente para acompanhar o banho de imersão e as horas solitárias. Acesso aos apartamentos por elevadores escalonados por grupos de pisos, cada qual com um trecho musical referente a cada andar.

Foi num desses edifícios que Columbus entrevistou um poderoso advogado do urbanismo neoliberal. Se o jornalista do "Texas Times" soubesse alguma coisa do nosso país, perceberia logo no elevador que o homem era de Coimbra, porque assim que carregou no botão para o andar onde ele morava sou imediatamente o fado da Samaritana com trinados do Choupal.

À despedida o advogado quis acompanhá-lo lá baixo no elevador, porque a Samaritana ouvida em sobe e desce tinha um não sei quê, disse ele, uma suavidade volátil impossível de definir. E foi assim que Columbus voltou à cidade povoada de solitários a confidenciarem para o telemóvel.

Pelo caminho só pensava num ascensor a subir e a descer até ao infinito transportando uma voz.